

## ■ Comunicação e diferença nas cidades<sup>1</sup>

— **Janice Caiafa**

Habitar uma cidade é experimentar de alguma forma a vizinhança de estranhos. Se saímos à rua, encontramos desconhecidos em grande variedade, gente cuja procedência não conhecemos e que cruzamos em nosso caminho nos espaços públicos e partilhados. Ali não somos tão facilmente localizáveis como, por exemplo, numa reunião familiar ou num pequeno povoado. Deixamos em algum grau nossa inserção e a identidade que nos atribuem para trás para experimentar esse confronto e nos expor a essa percepção de descontinuidades e diferenças. Isso constitui para muitos, acredito, o grande atrativo das cidades, ao mesmo tempo em que é o alvo mais freqüente de críticas daqueles que denunciam as mazelas da vida urbana. Em todo caso, a experiência do estranho e do inesperado é uma marca das cidades e precisamente o que a caracteriza como um universo de circulação e comunicação bastante singular.

Fernand Braudel mostra como a cidade emerge historicamente numa situação de grande "*turn-over*", deslocando tradições, provocando fluxos de imigrantes, engendrando todo um meio propício ao movimento. Braudel chama a cidade no Ocidente de "verdadeira máquina a quebrar os velhos vínculos, a colocar os indivíduos sobre um mesmo plano" (Braudel, 1979). Instaura-se um espaço de deslocamento e comunicação. Na Antiguidade, mostra Braudel, a solução imperial se opunha à solução cidade. O primeiro caso predomina no Oriente, onde a presença de estados imperiais fazia com que as atividades se concentrassem em torno do palácio e só as capitais imperiais prosperavam. As cidades apareciam e desapareciam à mercê dos "caprichos do príncipe". No segundo caso, a cidade se expande em rede com outras cidades e atrai uma população muito diversa, promovendo mais mistura.

<sup>1</sup> Texto apresentado no 11º Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós 2002), de 4 a 7 de junho de 2002.

Lewis Mumford observa que a cidade, em oposição ao pequeno povoado, se caracterizou desde o início por atrair gente de fora, "não-residentes", que ali vinham por interesse em alguma atividade de ordem religiosa ou social, mais que no comércio, segundo esse autor. Isso atestaria o "dinamismo inerente" da cidade, "em contraste com a forma mais fixa e interior da aldeia, hostil ao *outsider*" (Mumford, 1961).

As cidades se expandem num espaço de intercomunicação, desde os seus inícios, ou num espaço "horizontal", como escrevem Deleuze e Guattari, em constraste com o procedimento do Estado, que é "vertical" e promove a ressonância de focos de poder. A cidade também promove integração (ela não é só dispersão), mas local, não global como faz o Estado. A recodificação urbana, as marcas que se formam (e que estriam, delimitam, hierarquizam) são constantemente redistribuídas porque a cidade não cessa de receber outros fluxos que modificam seu espaço social e físico e portanto de se transformar e se produzir por eles. A cidade, escrevem Deleuze e Guattari, "só existe em função de uma circulação e de circuitos; ela é um ponto assinalável sobre os circuitos que ela cria ou que a criam" (Deleuze e Guattari, 1997).

As cidades geram um poderoso espaço de exterioridade que se opõe tanto ao interior dos espaços fechados quanto à interioridade do sujeito. A heterogeneidade ali ativa dispersa focos de identidade e as recorrências do familiar, introduzindo portanto variação nos processos subjetivos (Caiafa, 2001a, 2001b, 1992). A descrição da produção subjetiva nas diferentes configurações urbanas é uma tarefa da etnografia das cidades e importante para que se entenda a especificidade da experiência urbana. Guattari (1992) escreve que as cidades se caracterizam em grande parte pelos processos subjetivos que deflagram.

Entende-se aqui a subjetividade como produção, sendo o sujeito apenas um momento dos fluxos subjetivos em que esses processos se cristalizam numa identidade pessoal. Mas mesmo o sujeito é um episódio dessa subjetividade processual, que não é nunca resultado, mas constantemente processo. São componentes os mais diversos que entram na produção da subjetividade. Assim, os processos sociais e materiais na cidade - a relação com o espaço construído - são componentes subjetivos também. A experiência com a variedade de estímulos nas ruas, com esses desconhecidos que cruzam nosso caminho - e com quem

uma comunicação em alguns casos pode se estabelecer - modeliza afetos, perceptos, produz, enfim, subjetividade. Para admitir os processos urbanos como componentes subjetivos é preciso conceber uma subjetividade fora do sujeito, em constante atualização e processualidade, à mercê de componentes heterogêneos.

Nas áreas residenciais segregadas, em geral dependentes do automóvel, cria-se um meio propício às recorrências familiares, à confirmação das identidades. É o modo de vida dos condomínios fechados, que ocorre entre nós e que é o modelo que predomina nas cidades ou anti-cidades americanas (Caiafa, 2001b, 1991). O espaço público não é um meio ocupável coletivamente. Em geral, só se ocupa no automóvel particular, o que configura um uso privado da via pública. Ou então nos shoppings, numa atividade já direcionada para um fim, o consumo. Mesmo as reuniões em bares ou restaurantes nesses lugares tendem a eliminar o imprevisível que só o espaço aberto das ruas pode provocar.

A primeira figura das cidades é a densidade. A cidade surge como aglomeração, com o acúmulo de gente num espaço que se partilha. É a aglomeração urbana, onde há necessariamente a criação de espaços coletivos. Porque a ocupação privada do espaço, como nos mostram casos concretos, leva a uma segmentação da população e a uma compartimentação do espaço urbano que inviabilizam a cidade. Poucos ocupam as áreas residenciais segregadas ao mesmo tempo em que se geram habitações precárias de excessiva concentração. O espaço público é desativado, não se oferece à ocupação coletiva. A rua já se torna inviável para a caminhada - e os mais pobres são os mais penalizados porque vão ter que se deslocar ali ao menos para poder se amontoar no transporte coletivo precário. Os mais ricos se movimentam em automóveis privados, que utilizam muito mais solo urbano e requerem um enorme subsídio. O conforto das áreas residenciais segregadas e do automóvel privado, figuras da ocupação privada do espaço urbano, só é garantido quando a sociedade paga por ele.

A privatização e o confinamento geram, portanto, ao mesmo tempo um adensamento aberrante, desigual, e uma movimentação segregante. Trata-se de uma desurbanização, de forças contra a densidade e a circulação, que marcam historicamente a expansão das cidades. Nas cidades, a densidade apóia-se na *dispersão* porque a mobilidade é fundamental para que a população possa se distribuir e se misturar, ocupando coletivamente o espaço da cidade, preferindo-o

aos espaços fechados. É uma *dispersão atrativa* (Caiafa, 2001b) porque há uma atração pelo espaço coletivo e não para fora dele num desejo de segregar-se. Historicamente, a aglomeração urbana preenche um espaço coletivo, densamente populado.

Há uma *inquiétude* - argumentei em outro trabalho (2001a) - que a experiência urbana pode satisfazer ou revolver com resultados criativos para a subjetividade. Estamos inquietos, queremos circular, no sentido mais forte. Vamos além de nossa vizinhança, vamos à rua para nos misturar, para experimentar os encontros possíveis nesse espaço de intercomunicação e para enfrentar os riscos.

### **Encontros e passagens**

Qual é a natureza desses encontros citadinos e como se coloca aí o problema da comunicação? Para Benjamin, esses encontros trazem a marca do "choque". Benjamin descreveu genialmente como na modernidade a técnica promoveu deslocamentos radicais na esfera da arte e no domínio da experiência. Acompanhando essas mudanças, desenvolvem-se modos de percepção e de experiência que são característicos do espaço da cidade moderna. A movimentação nas ruas impõe uma nova complexidade que vem na forma da colisão, do choque, tanto com a multiplicação dos estímulos quanto com o movimento da multidão. Para se orientar pelos sinais de trânsito, o pedestre tem que lançar olhares "aparentemente despropositados" em todas as direções, como observara Poe para os transeuntes na cidade (Benjamin, 1995: 125). De fato, nossa atenção tem que se distribuir para todos os lados de forma que possamos atravessar uma rua - numa movimentação que pode mesmo parecer despropositada, como o movimento "maníaco" que Benjamin atribuía à multidão. Isso fica demasiado claro por exemplo no Rio de Janeiro, em que mesmo a adesão a essa movimentação maníaca não nos garante que chegaremos ao outro lado da rua. Benjamin observa o ineditismo dessa forma histórica de percepção e experiência. Na emergência da cidade moderna, é um novo ritmo que se forma. Mover-se no trânsito urbano e na vizinhança das massas urbanas vai exigir uma nova dinâmica subjetiva que tem o caráter do choque. "Nos cruzamentos perigosos, inervações fazem-no (o indivíduo) estremecer em várias seqüências, como descargas de uma bateria" (Benjamin, 1995: 124)<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Para uma discussão sobre a possibilidade de imprimir ao choque a qualidade da criação no domínio da arte, ver Caiafa, 2000.

Que os encontros citadinos possam trazer a marca da colisão é uma excelente pista que nos leva a enfrentar novos problemas. É mesmo um ritmo que se constrói na exterioridade das cidades e que envolve experiências subjetivas em contraste com aquelas dos meios fechados. É que não nos basta atribuir a esse ritmo da colisão a marca da desorganização ou da destruição. Seria preciso ressaltar também o papel produtivo ou construtivo do confronto. A fricção pode trazer diferenciação, desafiando o reconhecimento, tendo um efeito não necessariamente deletério mas transformador dos processos subjetivos. Ao descrever os fenômenos do choque, Benjamin não faz um discurso apenas de denúncia. Várias vezes ele distingue o "flâneur" do "transeunte". O primeiro imprimiria à sua caminhada um ritmo criador, diferente do movimento "maníaco". Baudelaire - poeta da cidade e do limite da modernidade, a um tempo clássico e moderno (Baudelaire, 1996, introdução de Claude Pichois) - vivia com fascínio, a seu modo, essas inovações intrusivas da cidade. Observa Benjamin que Baudelaire "suscitava o choque", ao mesmo tempo em que se ocupava de "apará-lo". Sua poesia atualizaria essa fricção, à medida que mostrava uma cidade impiedosa mas também fascinante, que podia provocar e encantar.

No poema "*À une passante*", uma mulher ("efêmera beldade") passa pelo poeta e cruza-lhe o olhar. E não sem conseqüências porque Baudelaire escreve que esses olhos lhe "fazem nascer outra vez" ("*m'a fait soudainement renaître*"). Essa mulher que passa no "frenético alarido" da rua em torno ("*La rue assourdissante autour de moi hurlait*") lhe oferece portanto alguma coisa, afeta-o.

O que o soneto nos dá a entender é captado numa frase: a visão que fascina o habitante da cidade grande - longe de ele ter na multidão apenas um rival, apenas um elemento hostil -, lhe é trazida pela própria multidão (Benjamin, 1995, p. 118).

E isso mesmo que ela se vá - "Não mais hei de te ver senão na eternidade?/Longe daqui, tarde demais, *nunca* talvez!" - provocando um amor "não tanto à primeira, mas à última vista", como coloca Benjamin, um novo tipo de amor citadino.

O poeta foi afetado porque, como observa Benjamin, "Baudelaire não deixa dúvida de que tenha olhado fundo nos olhos da mulher que passa".

A experiência da passante e do poeta é um caso dessas relações (colisões?) no ritmo urbano com desconhecidos. Em diferentes cidades ou ocasiões poderia levar a um *flirt*, a um beijo, ao namoro, ou ao abandono. A possibilidade de ser afetado por estranhos é uma marca da vida urbana, uma imposição ou uma oportunidade no espaço das grandes cidades. A comunicação sempre envolve diferenciação, ela sempre reúne ou agencia mundos estranhos. Mas são diversas as situações de enunciação (Ducrot, 1972), há diferentes regimes de signos (Deleuze e Guattari, 1995). No caso dos processos de comunicação no meio heterogêneo da cidade, a exposição a uma variedade imprevisível parece intensificar esse investimento na diferença. Também uma experiência subjetiva singular pode acontecer por essa exposição à heterogeneidade. Deixar-se afetar por estranhos é de certa forma já mudar ou sair um pouco de si.

#### **Estranhos mundos possíveis**

O que as cidades nos oferecem de mais atraente é essa possibilidade de vislumbrar constantemente mundos estranhos, que não são o nosso e que podemos vir a conhecer. É a fascinação de "*Rear Window*" ("*Janela Indiscreta*"), filme de Hitchcock em que o personagem principal observa (eventualmente se deixando afetar e interferindo) os movimentos nos apartamentos em frente à sua janela. Quem assiste ao filme também contempla esses mundos possíveis, no belo cenário que o diretor cria, e é atraído por aí. São mundos possíveis porque não são atualizados, não existem para mim e por sua alteridade mesmo compõem a minha experiência. Gilles Deleuze escreve que o papel de "outrem" é precisamente "a expressão de um mundo possível". Lendo o texto de Michel Tournier, *Sexta-feira* ou *Os limbos do Pacífico*, uma reescritura de *Robinson Crusoe*, Deleuze mostra como as aventuras de Robinson em sua ilha envolvem a perda de outrem. O próprio Tournier avança esse pensamento no romance. A partir da ausência de outrem na experiência do naufrágio, é possível explorar os efeitos de sua presença, ou seja, o papel de outrem na experiência ordinária.

Para Deleuze, outrem, como expressão de um mundo possível, "introduz o signo do não-percebido no que eu percebo" (Deleuze, 1974, p. 315). O primeiro efeito de outrem é "a organização de um mundo marginal, de um arco, de um fundo" em que se inscrevem outros objetos, outras idéias, formando

"todo um campo de virtualidades e de potencialidades". É uma margem que se cria em torno daquilo que vejo, feita do que é visto por outrem. Os objetos atrás de mim formam um mundo para mim porque são vistos por outrem e se eles podem eventualmente entrar para o meu âmbito de percepção, se essa transição pode ser feita, é justamente porque constituem, pela presença de outrem, esse mundo marginal. Outrem regula essas transições, "impede os assaltos por trás, povoa o mundo de um rumor benevolente". O texto nos autoriza a admitir esse arco ou fundo não só na percepção mas, em geral, na experiência subjetiva.

Mas outrem não é um objeto ou um outro sujeito. Este ponto é importante para a questão da comunicação e da subjetividade. Ele é a expressão de um mundo possível. A partir dessa definição de Tournier, Deleuze acrescenta que outrem é "o princípio *a priori* da organização de todo campo perceptivo", "a estrutura que condiciona o conjunto do campo". Nota-se aqui nesta linguagem, que vai predominar doravante no texto, ainda a influência do estruturalismo. Mas o que se retém de mais vigoroso é que outrem não é simplesmente um outro com quem falo ou que me influencia, um personagem do campo perceptivo, da relação de comunicação ou da interação social, mas um princípio, um operador, e que expressa um mundo possível. Se ousamos elaborar um pouco mais uma instância que, ao gerar uma margem, acenando com um mundo não atualizado mas possível, torna denso onde não estou e aquilo que não sou. Tournier escreve que "outrem é para nós um poderoso fator de distração". De alguma forma outrem me tira de mim, ele me *distrai*.

De resto, é a presença de outrem que produz vida social e é condição da comunicação. Embora muitas vezes a análise possa acabar por priorizar os fenômenos da identidade e do reconhecimento. Ao contrário, o mais interessante da idéia de outrem como expressão de um mundo possível é que não se trata de uma exposição a diferentes identidades. Não se trata, por exemplo, de um outro sujeito com que partilhamos um código, nem se trata de intersubjetividade. Outrem, como estamos entendendo aqui para nossos propósitos, é um operador de diferenciação, que dissolve as identidades, as desterritorializa, leva-nos para longe de nós ao nos distrair com outros mundos possíveis. Não é que o reconhecimento não se produza. Produz-se sem cessar e as identidades se formam, nelas nos apoiamos também. Mas as transições, como indicam Deleuze e Tournier,

são organizadas pela margem, pelo lado de fora. É a presença de uma *operação anônima de diferenciação* que seria preciso conceber não como uma transcendência e nem mesmo como uma estrutura, mas imanente, de alguma forma, inscrita nos agenciamentos.

Embora outrem seja uma instância presente na vida social, nas diversas experiências, nas diversas situações de comunicação, certamente a atividade ou expressividade de sua presença vão variar. Os fatores de diferenciação e reconhecimento em jogo vão variar em cada caso. Nos subúrbios americanos - áreas residenciais segregadas dependentes do automóvel - a vida social tende a se concentrar em espaços fechados onde convivem conhecidos. Não só na casa familiar ou no automóvel, mas quando se vai mais longe é para participar de grupos de igreja, clubes fechados ou reuniões de auto-ajuda. Ali o espaço público não está disponível para a ocupação coletiva. Em contraste, no espaço aberto da aglomeração urbana não existe ou não predomina uma demarcação prévia. Quando nos deslocamos e agimos no espaço das cidades, não experimentamos prioritariamente a partir de nossa inserção ou história pessoal. Um espaço de diferenças nos acolhe como mais uma delas. Nem estamos certos da inserção dos outros e não conseguimos ter uma antecipação do que poderá ocorrer nesse trânsito. A comunicação se dá com desconhecidos e as situações não estão previstas. Acentua-se assim essa experiência de margem ou fundo que me mostra outros mundos. Outrem é uma operação mais ativa. O habitante da cidade tem mais chance de cruzar com uma passageira desconhecida e olhar dentro de seus olhos, se deixar afetar. O que as cidades nos podem trazer é precisamente a intensificação da experiência de outrem como expressão de um mundo possível. A comunicação vai se dar justamente no contexto das colisões e da experiência expandida desses outros mundos, dessas margens.

A etnografia das cidades deveria se ocupar também de descrever, em cada caso, como essa experiência de alteridade poderia ocorrer, como se vê obstruída ou expandida nos diversos contextos urbanos. Em outros trabalhos indiquei como em Nova York, em contraste com o modelo predominante de cidade nos Estados Unidos, se desenvolvia um dispositivo de alteridade ("*othering device*"). Ali, em muitos lugares, a heterogeneidade se oferece como fator de diferenciação, acredito, numa experiência expandida de outrem. Não nos guetos



entre os grupos segregados ou segregantes, que é algo que Nova York partilha com outras cidades americanas, mas num lugar como o East Village, por exemplo, de maior movimento e mistura e onde o contato entre estranhos pode ocorrer. A diversidade nem sempre produz diferença, ela pode ser pacificada, disciplinada em guetos geográficos ou pessoais (Caiafa, 2001b, 1991). Sennett observa que para que tenhamos uma relação com o outro, tanto no espaço urbano quanto na narrativa, é preciso uma experiência "não-linear ou não seqüencial da diferença", em que se chega até a borda de si mesmo e se experimenta o fora (Sennett, 1992). As diferentes configurações urbanas podem realizar ou não, ou realizar de diferentes modos e em diferentes graus essa potência de diferenciação que, como vimos - pelo espaço de exterioridade e comunicação horizontal que se gera, pela diversidade e atividade que não cessam de atrair estrangeiros - está no coração das cidades.

Nesse espaço de exterioridade, cuja força de resto repousa no imprevisível (Caiafa, 1991), tudo está em desequilíbrio. Esses fluxos que produzem a desterritorialização das identidades, a criatividade subjetiva, a comunicação transversal, podem não só ser obstruídos mas ao longo de seu curso mesmo produzir o contrário de tudo isso. Ou seja, produzir a imobilidade, paradoxalmente pelo excesso de exposição ou de velocidade. Todos os riscos das grandes cidades, tão citados contra elas e em nome de uma vida mais provinciana e familiar, podem ser vistos como casos do fracasso das forças urbanas da diferenciação. Por exemplo, no assalto: o desconhecido, o estranho pode ser um assaltante, o encontro pode ser violento e a colisão fatal.<sup>3</sup> Nesse caso, a variedade urbana gerou violência, por excesso de proximidade não se produziram os afetos criadores da alteridade. No caso citado acima dos grupos segregantes em Nova York ou outras cidades americanas, a variedade também não tem força de diferenciação, mas pela razão contrária, por uma distância que se estabeleceu. Ali o contágio urbano não se realiza, não há possibilidade de comunicação.

São riscos a que estamos sujeitos nas cidades: o isolamento, a violência. Ao mesmo tempo em que a experiência da alteridade é também uma possibilidade, em muitos casos, e, num sentido positivo, um risco - há um risco para a identidade,

<sup>3</sup> Situação freqüente, por exemplo, nas viagens de ônibus no Rio de Janeiro. Cf. Caiafa, 2001a.

para o reconhecimento quando nos defrontamos com um mundo possível e estranho, quando nos distraímos. Ao longo dos circuitos e dos fluxos que produzem a cidade, a diferença como força criadora é seu maior atrativo.

### Referências

- BAUDELAIRE, C. *Les Fleurs du Mal*. Introdução de Claude Pichois. Paris: Gallimard, 1996.
- BENJAMIN, Walter. "Sobre alguns temas em Baudelaire". *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Obras escolhidas III*. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BRAUDEL, Fernand. *Civilisation matérielle, économie et capitalisme, XVe-XVIIIe siècle*, tome 3. Paris: Armand Colin, 1979.
- CAIAFA, Janice. "Voyages Urbains". *Chimères*, n. 41, Paris. 2001a.
- \_\_\_\_\_. "Transporte coletivo nos Estados Unidos e a aventura própria de Nova York". *Estudos Históricos*, n. 27. Rio de Janeiro: CPDOC, FGV. 2001b.
- \_\_\_\_\_. *Nosso século XXI: notas sobre arte, técnica e poderes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- \_\_\_\_\_. "Linhas da Cidade". *ECO - Publicação da Pós-Graduação em Comunicação e Cultura*, Escola de Comunicação, UFRJ, vol 1, n. 2, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Fast trips and foreignnesses: an anthropological study of Hispanic women as other in American society*. Tese de Doutorado. Cornell University, Ithaca, NY, EUA. 1991.
- DELEUZE, Gilles. "Michel Tournier e o Mundo sem Outrem". In: *A Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. "7000 A.C. Aparelho de captura". *Mil platôs*, vol. 5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- \_\_\_\_\_. "20 de novembro de 1923 - Postulados da Lingüística". *Mil platôs*, vol. 2. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

- DUCROT, Oswald. "De Saussure à la philosophie du langage". Prefácio a Searle, John R. *Les actes de langage*. Paris: Hermmann, 1972.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- MUMFORD, Lewis. *The City in History*. New York: Harcourt, Brace & World, Inc., 1961.
- SENNETT, Richard. *The Conscience of the eye*. New York and London: W.W. Norton & Company, 1992.

■.....Janice Caiafa é antropóloga, poetisa e professora da Escola de Comunicação da UFRJ. Publicou, entre outros, *Nosso Século XXI: Notas sobre Arte, Técnica e Poderes* (Relume Dumará) e *Fôlego* (7Letras).